

A LEITURA DO JORNAL IMPRESSO EM SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Moisés Henrique Cavalcanti de Albuquerque - Graduado no curso de bacharelado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Aluno do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Professor substituto do Departamento de Comunicação Social da UERN. Integrante do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo – GECOM/UERN.

Ailton Siqueira de Souza Fonseca - Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professor do Departamento de Ciências Sociais e Política da UERN. Vice-diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UERN. Professor do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN. Líder do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo - GECOM/UERN.

INTRODUÇÃO

A partir da experiência profissional nas áreas da comunicação e da educação identificamos que a utilização do jornal impresso como recurso pedagógico em sala de aula tem demonstrado resultados positivos e reveladores no tocante à produção de conhecimento. Na cidade de Mossoró e em municípios da região Oeste do Rio Grande do Norte, através do *Programa Ler Para Saber Mais*, desenvolvido pelo Jornal Gazeta do Oeste, há experiências exitosas a partir do uso do jornal impresso em sala de aula como o instrumento de auxílio no processo ensino/aprendizagem.

O programa integra um projeto nacional coordenado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) denominado Jornal e Educação. Já são quinze anos de atuação no Brasil. Atualmente existem 62 jornais associados desenvolvendo o programa em todos os estados. Em Mossoró, o programa funciona há cinco anos. Nesse período, mais de 40 mil estudantes do ensino fundamental de 117 escolas públicas e privadas participaram do projeto. No ano de 2012, vinte escolas estão ativas no programa. São mais de duzentos exemplares distribuídos diariamente. O jornal é utilizado como ferramenta pedagógica em sala de aula. Os estudantes são estimulados, todos os dias, a ler notícias veiculadas nas páginas do jornal impresso. A atividade trabalha a leitura e o acesso à informação. A partir dos exercícios em sala de aula, esses alunos são despertados para temas desconhecidos, realidades diferentes das que eles vivenciam no cotidiano ou mesmo são apresentados à novas leituras de situações do próprio cotidiano deles. Os professores que desenvolvem o projeto nas escolas passam por um período de capacitação promovida pelos coordenadores regionais do projeto.

Oficinas de jornalismo, literatura, seminários e discussões acerca do tema. Esse treinamento tem como foco o despertar para um ensino com foco no humano. Em resgatar valores, transformar realidades a partir do estímulo aos debates provocados a partir da leitura dos jornais em sala de aula. Os próprios professores passam por uma experiência que busca o ressurgimento do encantamento pela educação. Não a educação de alunos representados por ordem de chamada e notas em boletins. Mas a educação de gente, que não consta nas fórmulas dos livros, mas na realidade da atividade docente, na troca do olhar, no ouvir o que não foi dito.

O desafio desse estudo está em identificar como as notícias geradas por veículos de comunicação, trabalhadas em sala de aula a partir da leitura diária do jornal impresso, podem fazer a diferença na formação integral dos estudantes. De que forma a leitura dessas informações pode fomentar nos alunos o desejo pela descoberta. A fome pela discussão. O entendimento e a reflexão. E, como consequência, a busca pelo conhecimento. Quando os educadores conseguirem perceber essa função singular da informação será possível termos métodos mais modernos e atrativos em sala de aula, sem perder o caminho do conhecimento.

As práticas cartesianas adestradoras do espírito humano vêm reprimindo e anestesiando a aprendizagem dos sentidos. Não olhamos o mundo de forma livre ou aleatória. Olhamos o mundo a partir do paradigma através do qual fomos educados. Ao longo do tempo, nosso olhar foi direcionado para o que estava distante, para o macro, para o que estava fora de nós. A sugestão agora é que a nova educação seja capaz de fazer emergir uma forma de ver que abrace o homem, a vida e o mundo (FONSECA, 2003, p. 192).

A contextualização das notícias é uma alternativa para que a educação acompanhe a mudança nos formatos de comunicação e ofereça a chance de olhar o outro e encontrar-se com si mesmo. Essa contextualização de informações, segundo afirma Edgar Morin (2000) em *A cabeça bem-feita*, é matéria-prima para produção de conhecimento.

Os estudantes são consumidores das novas tecnologias. Eles absorvem informação a todo instante. Das mais diferentes fontes. É preciso que os professores trabalhem no sentido de que esses alunos não sejam apenas consumidores passivos da informação. Mas que a partir delas eles interpretem suas mensagens. Reflitam sobre os conteúdos apresentados e formem conhecimento.

O papel em que é impresso o jornal não pode servir apenas para embrulhar peixe ou forrar caixas de papelão. O papel traz histórias que não são contadas pelos livros trabalhados em sala de aula. Perceber para onde caminha o interesse dos alunos é um trunfo para os

professores. Quando isso acontece, é o primeiro passo para a integração de conhecimentos. A interdisciplinaridade através das notícias de um jornal. A multiplicidade de informações para a formação do conhecimento.

Essa multiplicidade, para o escritor italiano Carlo Emilio Gadda (1893 – 1973), é uma forma de encarar a totalidade, uma maneira de tecer o fio que ata as coisas maiores às menores e vice-versa. Para Calvino (1994), a ideia de histórias que se cruzam, caminhos que se bifurcam, relações dentro de relações, combinatória de experiências, informações, leituras e imaginações é o que está por trás da proposta da multiplicidade.

Ora se não é disso que tratam os jornais. Se não é essa multiplicidade que está estampada nas capas e nos meandros dos cadernos de Economia, Polícia, Cotidiano, Política, Esportes e Cultura. O jornal, a seu modo, oferece essa multiplicidade para seus consumidores.

Nossos objetivos a partir desta pesquisa são: analisar como a leitura do jornal impresso pode gerar reflexão de maneira a contribuir com a formação humana do aluno; perceber as transformações de valores, sociais e intelectuais nos alunos envolvidos na leitura jornalística contemplados no projeto, bem como identificar o papel dessa leitura nas discussões e na postura pessoal dos mesmos em sala de aula.

METODOLOGIA

Ao estudarmos de que maneira a leitura do jornal impresso em sala de aula tem contribuído para a formação humana dos estudantes, encontramos abrigo na investigação qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa em educação tem um caráter flexível e permite aos sujeitos responderem de acordo com suas experiências pessoais em vez de terem de se moldar a questões previamente elaboradas. Bogdan e Biklen (1994) afirmam ainda que a investigação qualitativa assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. De acordo com os autores, os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Nesse prisma, as ações podem ser melhor compreendidas porque são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. É importante estabelecer estratégias e procedimentos que permitam levar em conta as experiências do ponto de vista do informador. Como consideram Bogdan e Biklen (1994), o processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os sujeitos.

Richardson (2010) define, em *Pesquisa social: métodos e técnicas*, a pesquisa qualitativa como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em vez de voltar o foco para a produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. É com esse olhar de

compreensão que entramos no universo dos estudantes que participam do projeto objeto de nossa pesquisa.

Com essa perspectiva, nossa metodologia é centrada em uma pesquisa qualitativa descritiva, com abordagem no campo da complexidade. Pretendemos utilizar como recursos, entrevistas semi-estruturadas e a observação participante.

A pesquisa tem como pano de fundo as escolas da rede pública da cidade de Mossoró que desenvolvem no ambiente acadêmico o Projeto Ler Para Saber Mais. Temos como população amostral vinte estudantes de três escolas que participam do programa, escolhidos a partir das primeiras etapas da pesquisa.

Embora com um universo definido e trabalhos iniciados, no campo da complexidade é preciso estar preparado para o desconhecido. De acordo com Morin (1984), a investigação deve favorecer a emergência dos dados concretos e a este título, deve ser suficientemente flexível para recolher documentos na forma bruta - anotações de acontecimentos, registro de discussões, entrevistas – transformá-los em produtos da pesquisa. A investigação deve permitir ao investigador aprender as diversas dimensões do fenômeno estudado e recorrer a diferentes tipos de abordagem.

Como parte do caminho metodológico utilizamos a entrevista semi-estruturada. Uma estratégia enriquecedora para a pesquisa, pois ela permite uma espécie de libertação do sujeito.

Morin (1984), em *Sociologia*, diz que a entrevista é conseguida a partir do momento em que a palavra do entrevistado se liberta das inibições e dos constrangimentos e se torna uma comunicação. Essa liberdade é combustível que abastece o pesquisador e conduz ao apanhado de dados mais reais e cruciais para os resultados do estudo. A entrevista, se bem conduzida, permite a imersão no mundo dos entrevistados.

Estes mergulhos com os gravadores a fazer de caixotes e os microfones a fazer de arpões, arrastaram-nos para a dimensão oculta de existências que, à primeira vista, aparecem sempre bidimensionais. E de todas as vezes, após um certo ponto de imersão, a misteriosa terceira dimensão manifestava-se por mudança das perspectivas, aparecimento de temas obsessivos, emergência das aspirações e das insatisfações. A entrevista levou-nos ao último continente inexplorado do mundo moderno: o outro (MORIN, 1984, p. 136).

Paralelo a entrevista, a observação se mostrou uma trilha atraente na construção do caminho metodológico. Essa ferramenta, tão reveladora quanto escorregadia, exige de nós, pesquisadores, uma habilidade singular. Como afirma Morin (1984), em *Sociologia*, a

entrevista deve tentar ser panorâmica e analítica. Segundo o autor, o sentido perceptivo está atrofiado nos sociólogos que se agarram aos questionários, gravações, entrevistas e esquecem de ver o que não está explícito e ouvir o que não foi dito. Morin diz que é preciso aprender a ver rostos, gestos, roupas, objetos, paisagens, casas, os caminhos.

RESULTADOS

Relatos preliminares da coordenação do programa mostram que a partir da iniciativa da leitura em sala de aula muitos alunos mudaram os hábitos escolares e pessoais. O fato é que a informação associada ao hábito de ler gerou nesses estudantes o desejo de desbravar um universo que outrora não era explorado, simplesmente por falta de oportunidade. Simplesmente porque a informação que era apresentada era superficial. Porque essa superficialidade não gerava dentro deles o desejo de saber mais, de questionar, de contestar, de refletir. A leitura funciona como um instrumento estimulador do pensamento. Da reflexão.

Nas duas últimas décadas o mundo da informação passou por mudanças e avanços que transformaram a forma de se comunicar entre as pessoas. A tecnologia avançou em um ritmo impressionante e deixou no vácuo aqueles que não conseguiram acompanhar a velocidade dos seus gigabytes. Esse processo de modernização tecnológica nasceu desprezioso, mas na verdade trouxe à sociedade um leque variado e versátil de possibilidades. A partir desses avanços a educação moldou e precisou ser moldada por esse desenvolvimento tecnológico e informacional.

Segundo Setton (2010), a rapidez e a simultaneidade da difusão da informação transformaram as formas de aprendizado formal e informal de todos nós. A partir dessas transformações, a maior circularidade de informações passou a exigir uma nova forma de pensar sobre os processos de formação.

As novas tecnologias são necessárias para o contemporâneo processo de ensino/aprendizagem. Mas não são determinantes. Elas contribuem para o aprendizado ao passo que dinamizam as informações e tornam mais atrativos os conteúdos. No entanto, por si só, não são capazes de formar cidadãos, de construir o caráter, nem tampouco de despertar nos estudantes a capacidade de refletir e gerar o verdadeiro conhecimento. Aqui, tratado na perspectiva de Morin (2000), quando afirma que conhecimento só é conhecimento quando se relaciona com as informações e permite a inserção no contexto delas.

É preciso um passo adiante. E grande parte dos professores ainda não percebeu que a informação gerada pelos veículos de comunicação pode ser usada como um grande aliado na formação humana dos estudantes. É a mídia como um espaço educativo e de produção de valores (SETTON, 2010).

Não é tarefa fácil transcender o campo da aprendizagem prática e estimular nos alunos a reflexão. Muitas vezes os próprios professores carregam consigo o desestímulo, traduzido por Sykes (1986) como obstáculos à reflexão na prática educativa. O estímulo à reflexão não pode partir de quem não carrega consigo o desejo interminável de busca por conhecimento.

Para preparar esses importantes catalisadores do pensamento, o Projeto Ler Para Saber Mais promove oficinas de capacitação docente. Os professores que se engajam no projeto passam por um período de treinamento sobre como utilizar o jornal como ferramenta pedagógica. Oficinas acerca da linguagem do jornal impresso, fotografia, planejamento gráfico e editorial.

Nos primeiros contatos com os estudantes colhemos relatos que nos provocam a identificar nos alunos os reflexos das atividades do programa na vivência acadêmica e social. Levam-nos a perceber como o contato com informações, muitas vezes, distantes do cotidiano dos alunos pode gerar discussões e interesse pela leitura. A discussão que pretendemos levantar é a de como o *Programa Ler para saber mais* contribui para gerar conhecimento. O conhecimento que permite situar a informação. Inserir o aprendizado em contextos mais amplos. Gerar sabedoria. Despertar nos alunos a capacidade de refletir, de autoavaliar-se, de ponderar ações, de traçar paralelos e analisar cada escolha.

A pesquisa nos permitiu acompanhar o envolvimento dos estudantes com o jornal em diferentes etapas. Alunos que tiveram a experiência de ler jornal em sala de aula pela primeira vez. Alunos que já trabalham com o jornal há mais de um ano. E estudantes e escolas que já têm o jornal como um companheiro diário há mais de três anos.

No primeiro encontro com uma turma de vinte e cinco alunos de escolas públicas, com idades entre 13 e 16 anos, percebemos como o universo da violência está presente no cotidiano deles. Cada um deles recebeu um exemplar do jornal Gazeta do Oeste. Todos tinham de grifar as notícias que primeiro chamaram a atenção e foram lidas. Mais da metade (52%) leu a capa e foi para o caderno Policial. A matéria que tratava do assassinato de uma mulher dividiu a atenção com reportagens sobre apreensão de drogas e armas.

No dia da reunião, os professores da rede pública travavam uma batalha com a Prefeitura de Mossoró. O tema era destaque nos jornais e atraiu o primeiro olhar de 24% dos alunos. Por fim, os temas relacionados à Cultura e Problemas Sociais receberam 12% da curiosidade inicial dos alunos.

A pequena estatística apresentada revela mais do que o interesse pelo tema violência. Conversando posteriormente com os estudantes, apenas dois, dos treze que seguiram primeiro para o assunto policial, já trabalhavam o jornal em sala de aula há mais de um ano. O índice

nos mostra que os estudantes que já desenvolveram o hábito de ler e discutir o jornal em sala de aula ampliaram seus horizontes para temas que vão além da violência.

Um total de doze alunos - que já desenvolviam o trabalho com jornal em sala de aula, apresentou um senso crítico e uma visão analítica de temas que não têm tanto apelo popular como a notícia policial, mas que têm reflexo em diferentes setores. Os estudantes estavam preocupados com a remuneração dos professores porque isso tem reflexo direto na qualidade do ensino.

Eles (que trabalhavam com o jornal há mais tempo) demonstraram interesse em saber por que faltavam tantos médicos especialistas no principal hospital da cidade e como estava funcionando a Escola de Artes, que abriu possibilidades para a cultura de Mossoró.

Questionados sobre a razão pela qual eles escolheram notícias fora do universo policial, eles responderam que essas notícias policiais são muito “apelativas”, “exageradas” e que “já cansaram”. Justificaram que o jornal traz outros temas interessantes que são mais novos para eles do que as mortes e a droga que crescem em Mossoró.

É dessa ‘novidade’ que estamos tratando. As novas possibilidades que se abrem ao primeiro contato com uma notícia que não faz parte do universo dos estudantes. Temas que fogem ao trivial das páginas dos livros didáticos e que apresentam aos estudantes alternativas para estimular o pensamento, a reflexão. Gerar conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os primeiros passos no processo de leitura do jornal impresso em sala de aula são tímidos. Carregados de receios. Como se o aluno resistisse e não quisesse lançar-se numa queda livre ao desconhecido. Mas para chegar ao conhecimento é preciso, como afirma Florence Dravet, acolher o desconhecido. Entregar-se ao novo e explorar todos os labirintos que habitam cada um de nós. Permitir-se descobrir o que está lá fora e reencontrar-se com que está escondido dentro de nós. Escondido, muitas vezes, não por escolha própria, mas por falta de oportunidade de voar rumo ao mundo de descobertas que a leitura nos apresenta.

Essas descobertas nos levam a novos horizontes. Conduzem-nos por caminhos que não são apresentados nos conteúdos programáticos das aulas convencionais. Não que estas não sejam fundamentais, mas precisamos explorar o inexplorado. Precisamos gerar conhecimento. Não somente o conhecimento horizontal proporcionado pelos livros didáticos, mas o conhecimento vertical que nos é proposto pela literatura e por que não dizer pela leitura do jornal em sala de aula.

Os conhecimentos verticais (Bachelard:1990) são os do aprofundamento, da elevação, dos movimentos tanto descendentes como ascendentes. No sentido do aprofundamento, eles vão buscar nos domínios obscuros das origens de nossas emoções e da nossa sensibilidade, nos meandros do inconsciente individual e coletivo, nas profundezas de nos mesmos as nossas prisões, nossos prazeres, nossos pavores (DRAVET, 2004, p.98)

Pensadores como Morin (2011) e Calvino (1993) nos apresentam, cada um a sua maneira, que é possível a técnica dos livros didáticos e a dimensão do imaginário - proposta pela literatura, caminharem lado a lado nas salas de aula. Quando digo literatura, não me refiro apenas aos autores clássicos, mas todos os textos e manifestações que tocam a alma dos indivíduos. Tudo aquilo que fala à inteligência do coração, como define a escritora Adélia Prado.

Embora esse caminho possa ser percorrido lado a lado, é necessário que os professores e alunos não vejam essa trajetória como algo extraordinário, mas como uma alternativa viável e natural para se chegar ao conhecimento e à integração dos saberes, como prega o jornalista e professor Gustavo de Castro ao discutir a complexidade na Educação.

A utilização em concomitância com textos mais técnicos, aliás, é perfeitamente possível, embora devesse ser natural. O que não se pode é colocar a arte de um lado, para dimensões do imaginário, e a vida social de outro, para os 'campos da realidade' e do mundo vivido (CASTRO, 2004, p. 168).

Castro (2004) compartilha do pensamento de Morin (2000) quando destaca a importância do ensino da condição humana às novas gerações, a partir do enfrentamento das incertezas e da compreensão das relações humanas. Esse entendimento se apresenta muito claro quando da utilização do jornal impresso em sala de aula. A ferramenta pedagógica se transforma aos poucos em um elemento de inquietação, que desperta o interesse e a curiosidade. Que conduz os aprendizes por caminhos instigantes. Estimula as percepções do outro, confronta opiniões e promove a busca por novas informações que mais tarde serão combustível para a formação do conhecimento pertinente. Segundo Morin Morin (2000), "quanto mais poderosa é a inteligência geral, maior é a sua faculdade de tratar problemas especiais".

O conhecimento pertinente, para Morin (2011), é um dos sete saberes necessários à educação do futuro. A pesquisa nos revelou que de uma maneira particular, a utilização do jornal impresso em sala de aula encontra abrigo nos sete saberes apresentados por Morin que são: 1) Ensinar a lidar com o erro e a ilusão; 2) Ensinar os princípios do conhecimento

pertinente; 3) Ensinar a condição humana; 4) Ensinar a identidade terrena; 5) Ensinar a enfrentar as incertezas; 6) Ensinar a compreensão e 7) Ensinar a ética do gênero humano.

Um objetivo aparentemente pedagógico para auxiliar na leitura e escrita ganhou vida própria nas salas de aula. Mostrou-se um instrumento transformador fundamentado nos sete saberes propostos por Morin (2011). A leitura das notícias dos jornais permite alunos e professores lidarem com o erro e a ilusão. Se não é o erro particular de cada um, é o erro do humano. As falhas morais, os desvios psicossociais, os crimes e as infrações dos semelhantes retratados nas páginas dos impressos.

A leitura das notícias conduz os estudantes e professores ao caminho do conhecimento pertinente ao passo que lhes fornece elementos de diferentes fontes. O passeio pelas editoriais vai preenchendo uma espécie de quebra-cabeças de informações que juntas vão formar a inteligência geral, condição *sine qua non* para o conhecimento pertinente.

O terceiro “saber” proposto por Morin (2011) é ensinar a condição humana. Os jornais trazem essa condição humana expressa nas histórias de gente simples, de autoridades políticas, da burguesia e das tribos urbanas. Personagens que carregam um pouco de cada leitor que tem acesso às informações na sala de aula. Muitas vezes há um reencontro consigo mesmo. Aquela reflexão interior de que “essa história poderia ser a minha”. Essa imersão na realidade das notícias cheias de gente permite a aproximação do que é a condição humana. E propõe reflexões sobre isso.

Embora Morin (2011) não tenha sequer imaginado essa associação, fica muito claro dentro desta pesquisa que a leitura dos jornais em sala de aula encontra abrigo em cada um dos saberes defendidos pelo autor. As narrativas jornalísticas se aproximam em muitos momentos da literatura. Não pelo estilo textual, mas pelo elemento principal presente na composição dos enredos: gente. Essa humanização presente nas reportagens e na literatura aproxima os dois gêneros.

E o jornal, assim como os livros, tem o humano como cerne das narrativas. A ficção proposta pela literatura muitas vezes invade tanto os seus leitores que chega a se confundir com a realidade nas páginas do jornal. E o jornal traz consigo histórias reais. Amores, tragédias, conquistas, derrotas. Traz a identidade terrena expressa nas fotos e relatos de pessoas comuns que na literatura são os personagens que dão vida aos sentimentos dos autores.

Como não lidar com as incertezas ao se deparar com prenúncio de desastres nos diários de notícias? Como não lidar com as incertezas diante das ameaças sociais retratadas?

Como não lidar com as incertezas diante das epidemias que afligem continentes inteiros? Essa oportunidade de aprendizado está presente ao lermos as páginas de jornais.

Não que esses saberes não possam ser buscados nos livros didáticos. Naturalmente que podem. No entanto, o jornal, assim como a literatura inquieta os corações. O jornal com uma vantagem: a realidade.

Na escalada dos sete saberes chegamos à compreensão e a ética do gênero humano. Em apenas uma edição diária de um impresso seria possível escolher personagens reais para exercitarmos a compreensão do humano. Seria possível identificar condutas que se abrigam na frondosa sombra da ética, como também aquelas que se ocultam sob os galhos secos da dissimulação e da mentira.

Não há como não encontrar um pouco do outro e um pouco de si nas páginas dos jornais. É um diário da vida humana. Um instrumento, que se utilizado da maneira correta, pode levar-nos ao caminho do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre. Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Edgar de Assis Carvalho. Saberes complexos e educação transdisciplinar. In: **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 17-27, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/download/.../9370/>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2012.

DRAVET, Florence. Acolher o desconhecido. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). **Sob o céu da cultura**. Brasília: Casa das Musas, 2004.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. O lado sensível da concretude do mundo. In: ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Angela Maria de (Orgs.). **Polifônicas ideias**: por uma ciência aberta. Rio Grande do Sul: Sulinas, 2003.

_____; ENÉAS, Luzia Ferreira Pereira. Por um reencantamento da educação. In: ANDRADE, Francisco Ari de; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Orgs.). **Formação de professores e pesquisas em educação**: teorias, metodologias, práticas e experiências docentes. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida**. São Paulo: Cultrix, 1993.

MORIN, Edgar. **Sociologia**: a sociologia do micros social ao macroplanetário. Portugal: Publicações Europa América, 1984.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a forma: reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 2000.

MORIN, Edgar. **O método 3: O conhecimento do conhecimento**. 3ª ed. Porto Alegre. Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **Meu Caminho**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo. Cortez Editora, 2011.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

PENA-VEGA, Alfredo (Org.) **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. 2ª Ed. São Paulo. Cortez, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. A caminho do método. In: GALEANO, Alex; CASTRO, Gustavo de; COSTA, Josimey (Orgs.). **Complexidade à flor da pele: ensaios sobre a ciência, cultura e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003.